

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África

Daniela Xavier Cenciani Regis

EDUCAÇÃO INFANTIL: O PONTO DE PARTIDA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Rio de Janeiro
2020



Daniela Xavier Cenciani Regis

**EDUCAÇÃO INFANTIL: O PONTO DE PARTIDA PARA UMA EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador Professor Me Paulo Antonio Barbosa Fernandes.

Rio de Janeiro

2020

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R337 Regis, Daniela Xavier Cenciani

Educação infantil: o ponto de partida para uma educação antirracista / Daniela Xavier Cenciani Regis. - Rio de Janeiro, 2020.

58 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Paulo Antônio Barbosa Fernandes.

1. História da África – Estudo e ensino. 2. Antirracismo. 3. Identidade. 4. Educação infantil. I. Fernandes, Paulo Antônio Barbosa. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Daniela Xavier Cenciani Regis

**EDUCAÇÃO INFANTIL: O PONTO DE PARTIDA PARA UMA EDUCAÇÃO
ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em: ____/____/____.

Me Paulo Antonio Barbosa Fernandes (Orientador)
Colégio Pedro II

Me. Arthur José Batista
Colégio Pedro II

Me. Pillar Alves Paladini
Colégio Pedro II

*Dedico este trabalho a todas as crianças que
muito me ensinaram.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e, por ter me ajudado a ultrapassar todas as dificuldades ao longo do curso.

Aos meus pais por toda dedicação e comprometimento para com a minha formação escolar.

Ao meu marido e amigos, que me incentivaram nos momentos mais difíceis.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram melhor desempenho no meu processo de formação acadêmica e profissional.

Escolher escrever é rejeitar o silêncio.

(Chimamanda Ngozi Adichie)

RESUMO

REGIS, Daniela Xavier Cenciani. **Educação Infantil: o ponto de partida para uma educação antirracista**. 2020. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2020.

Esta pesquisa se propõe a analisar as práticas pedagógicas escolares da Educação Infantil com a posição dos professores e educadores frente à questão racial. Além disso, perceber como são formadas as identidades das crianças, principalmente das crianças negras. Tendo por objetivos gerais: construir imagens e subjetividades negras a partir da literatura e promover o respeito pelas diferenças. Para tanto, as crianças serão sujeitos ativos deste processo. Paralelo a isso, trabalhar-se-á com imagens negras positivas, tanto de mulheres africanas que são princesas e rainhas, quanto de crianças também negras que estão em posição de destaque, de forma que, as crianças negras possam se identificar nessas imagens. Ademais, o livro infantil com personagens negros em evidência será uma ótima ferramenta para corroborar com a representatividade negra proposta neste trabalho. Portanto, o corpo docente deve considerar que o Outro exerce papel fundamental na construção da identidade do eu, logo, se as crianças negras não têm um referencial negro positivo elas tendem a não se aceitarem como tal desde a mais tenra idade.

Palavras-chave: Representatividade. Identidade. Educação Antirracista.

ABSTRACT

REGIS, Daniela Xavier Cenciani. **Early Childhood Education: the starting point for an anti-racist education.** 2020. 60 p. Final Paper (Especialization in Teaching African History) – Pedro II, Dean of Graduate Studies, Research, Extension and Culture, Rio de Janeiro, 2020.

This research proposes to analyze the school pedagogical practices of Early Childhood Education with the position of teachers and educators regarding the racial issue. In addition, to understand how children's identities are formed, mainly black children. With general objectives: to build images and black subjectivities from the literature and promote respect for differences. Therefore, children will be active subjects in this process. Parallel to this, we will work with positive black images, both of African women who are princesses and queens, as well as of black children who are in a prominent position, so that black children can identify themselves in these images. Furthermore, the children's book with black characters in evidence will be a great tool to corroborate the black representativeness proposed in this work. Therefore, the teaching staff must consider that the Other plays a fundamental role in the construction of the identity of the self, therefore, if black children do not have a positive black reference, they tend not to accept themselves as such from an early age.

Keywords: Representativeness. Identity. Anti-racist Education.

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | OBJETIVOS | 11 |
| 2.1 | Objetivos Gerais..... | 11 |
| 2.2 | Objetivos Específicos | 11 |
| 3 | JUSTIFICATIVA | 13 |
| 4 | PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 20 |
| 5 | PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS | 24 |
| 6 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS | 30 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 49 |
| | REFERÊNCIAS | 52 |
| | APÊNDICE A – Questionários..... | 55 |
| | APÊNDICE B - Projeto Pedacinhos de África | 59 |

1 INTRODUÇÃO

Para trabalhar a questão racial na Educação Infantil é fundamental conhecermos o que é ser criança e suas formas de falar e interagir. Em cada momento da história, a criança foi vista de forma diferente. A partir do século XVIII (na Europa e no Brasil somente no século XIX) surge o conceito de infância, pelo qual, a criança é compreendida como um adulto pequeno, que será o futuro econômico da sociedade. Porém, a palavra infância vem do latim e significa “incapacidade de falar, mudez” (PANIZZOLO; TEIXEIRA, 2017).

Estudos a partir da segunda metade do século XX têm mostrado a criança como sujeito ativo dentro do ambiente escolar e também no contexto social, de forma, que ela não pode mais ser vista como um ser oco. Além disso, a criança entre 3 e 6 anos de idade vive uma fase de descobrimento do seu eu, e também, questiona tudo em sua volta, por isso, é importante nesta fase construir identidades positivas e, para tanto, é fundamental enaltecer as diversidades e propiciar o conhecimento acerca das culturas negras brasileiras e africanas para a constituição de identidades negras positivas.

A questão racial no cotidiano escolar deve ser vista através dos estudos das diversidades racial, cultural e religiosa que formam uma sociedade. No entanto, este trabalho focará nos aspectos positivos das culturas negras brasileiras e africanas a partir da literatura infantil com personagens negros como protagonistas, para assim, contribuir com um outro olhar para as populações negras e, também, para a construção de identidades negras positivas.

Portanto, é preciso trabalhar a questão racial de forma a valorizar o negro e a cultura africana, pois não há como eliminar o preconceito e a discriminação raciais enquanto houver crianças e adultos com vergonha da sua cor. Para tanto, se faz necessário investir na formação do Educador Infantil.

A partir da LDB (1996), em seus artigos 29 e 30, vê-se que a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, logo, por que não começar nessa fase o trabalho com a problemática racial no cotidiano escolar? É essencial trabalhar esta questão visando melhorar a autoestima da criança negra e seu convívio social, pois no cotidiano da Educação Infantil vê-se as consequências dos meios social e familiar, os quais, influenciam e mostram que a questão racial precisa ser problematizada e desmistificada. Isto porque, a criança começa a se constituir como sujeito a partir da assimilação do que a sociedade e a família são.

Dessa forma, este trabalho propõe analisar as práticas pedagógicas e as formas como as crianças se relacionam a partir do cotidiano escolar da Educação Infantil, observando como ocorrem as relações raciais e como são formadas as identidades das crianças, principalmente das crianças negras.

O local escolhido para a realização desta pesquisa foi um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), localizado em uma comunidade da Z. Norte do Rio de Janeiro. Trata-se de um espaço de educação da rede municipal, no qual atende a crianças de 1 ano até 6 anos de idade. Esta pesquisa iniciou-se em fevereiro de 2019 por meio de estudos acerca da temática racial brasileira e posteriormente com atividades direcionadas às crianças. Ademais, após a culminância do projeto em outubro do mesmo ano, os estudos continuaram a partir das análises das experiências pedagógicas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Construir imagens e subjetividades negras a partir da literatura.

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o cotidiano escolar da Educação Infantil, com foco nas práticas escolares de uma turma do maternal II e outra da pré-escola II;
- Relacionar tais práticas com o possível preconceito racial existente no cotidiano escolar e a forma como a cultura desse cotidiano se expressa com a problemática racial;
- Investigar como os educadores (professores, agentes e demais funcionários) da Educação Infantil percebem as questões étnico-raciais no seu cotidiano de trabalho e, ao percebê-las, quais atitudes são tomadas;
- Investigar eventuais dificuldades encontradas pelos educadores para trabalhar as culturas negras e africanas com as crianças e se a formação destes contribuiu para o seu entendimento de como lidar com as questões étnico-raciais no seu cotidiano de trabalho;
- Analisar as experiências do trabalho educativo que estão voltadas para a valorização das crianças negras;
- Discutir as diferentes identidades presentes no cotidiano escolar da Educação Infantil, principalmente as das crianças negras, tendo por base a literatura infantil com personagens negros;
- Analisar algumas atividades escolares em relação aos negros que despertassem o interesse de todas as crianças (negras e brancas) para a diversidade da raça humana;
- Promover representatividade negra para as crianças negras e brancas;
- Propor também, atividades escolares visando enaltecer as populações negras através do conhecimento das diversas etnias, culturas dos negros e africanos;
- Propiciar a reflexão das práticas escolares para com o preconceito racial no cotidiano da Educação Infantil.

A partir dos objetivos acima citados, a investigação do cotidiano escolar da Educação Infantil frente à questão étnico-racial, é fundamental para o conhecimento das práticas desenvolvidas que abranjam essa problemática e as possíveis formas de intervenção, principalmente, por contribuir com estudos, propostas e atividades que auxiliem na educação das crianças e dos professores para a diversidade cultural, sobretudo a valorização das culturas negras e africanas que são o foco deste trabalho.

3 JUSTIFICATIVA

3.1 Justificativa pessoal

Ao longo da minha vivência como cidadã por diversas vezes percebi e deparei-me com manifestações de racismo, mas foi a partir dos estudos junto ao grupo de pesquisa “O preconceito racial nas entrelinhas das diferentes práticas educativas escolares”, coordenado pela Profª Drª Maria Elena Viana Souza na graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da UNIRIO em 2007, que pude compreender como a nossa sociedade foi construída e entender as raízes do racismo. Além de perceber como o mesmo ocorre no cotidiano escolar, pois, paralelo aos meus estudos no grupo já mencionado, iniciei minha pesquisa de campo no ano seguinte.

Escolhi como local para a realização do meu trabalho, uma escola municipal que atende somente a Educação Infantil, localizada em um bairro da zona sul (pois era próximo a faculdade) do Rio de Janeiro. A coleta de dados para análise seria feita através de atividades com crianças de uma turma da pré-escola, com faixa etária entre 4 e 5 anos. No entanto, consegui realizar apenas uma atividade que consistiu na contação de uma história, na qual, os reis e a princesa eram negros. Aproveitei para dizer à turma que na África também há princesas e príncipes, além de explicar às crianças em que consiste a diferença da cor da pele, pois, a professora da turma havia dito que: “a pessoa que tem a pele mais escura, pegou muito Sol”.

Busquei colocar em prática outras atividades, mas, não consegui, pois a professora sentia-se incomodada até que um dia disse: “Você acha que isso vai dar em alguma coisa? As crianças já disseram tudo que tinham pra dizer”.

Estava decidida continuar minha pesquisa mesmo que em outra turma, então, procurei a coordenadora e pedi para fazer a pesquisa em outra sala com outras crianças e, disse que queria conhecer outro cotidiano. A princípio ela gostou e me ajudou a montar um calendário dos dias em que estaria na escola e em quais turmas, inclusive faria atividades com a turma dela, pois no turno da manhã ela atuava como professora. Ficou acertado que na semana seguinte realizaria atividades com a turma dela e de mais uma professora.

Ao chegar no dia combinado, surge o segundo impedimento, através da fala da coordenadora: “Você me desculpa... tinha me esquecido que esta semana estaríamos com todas as turmas ensaiando para a festinha dos pais”. Marcamos um outro dia da semana seguinte, mas, infelizmente, outra vez não pude estar com a turma, pois, as crianças tinham outras atividades a fazer, de acordo com a coordenadora, que pediu desculpas novamente e disse:

“Tadinha... você não vai poder fazer a atividade outra vez. Pode deixar... vou verificar os dias em que você poderá estar retornando e te ligo”. Aguardei duas semanas e não recebi nenhuma ligação, por isso, fui conversar novamente com a coordenadora que dessa vez falou: “Não há condições de você ficar toda semana acompanhando uma turma ou mais, mesmo sendo um dia por semana, pois as crianças têm muitas atividades para fazer e as professoras já não têm tanto tempo”. Infelizmente diante de tantos impasses, procurei outro local para realizar a pesquisa, uma ONG localizada em um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Lá a coordenadora pedagógica animada disse: “Vai ser muito bom esse seu trabalho para aumentar a autoestima das crianças”.

Logo, o estudo de campo, passou a ter como objetivo específico caracterizar o cotidiano escolar de uma turma do Maternal II (crianças de 3 a 4 anos) desta ONG que era financiada por Instituições privadas e pelo Município do Rio de Janeiro.

Com a fala da coordenadora, estava muito contente! Mas, com o decorrer do tempo, notei mais uma vez, porém, a postura de muitos educadores frente à problemática racial que, se manifesta de forma semelhante a da professora já citada, por meio do silêncio (o não querer falar sobre), o que também dificulta o caminhar das atividades. Ou seja, eu havia trocado de escola e a dificuldade para seguir com meu projeto continuava, pois, existia um grande desconforto da professora da turma em que realizava a pesquisa, mas, por motivos diferentes, a professora da primeira escola era branca e transparecia não gostar de assuntos que enaltessem as pessoas negras. Já, a professora da Ong, era negra e dava para perceber que o incomodo dela vinha de possíveis experiências negativas que ela teve por conta da sua cor de pele, portanto, ela sentia-se constrangida toda vez que eu contava uma história com personagens negros, o seu desconforto era tão visível que parecia que ela não queria lembrar de algo e nem mesmo que era negra, pois diante de uma sociedade racista esse sentimento é compreensível. Porém, esse desconforto acarretou em mais dificuldades para o trabalho ser realizado.

Após nove meses de atividades e de desconforto por parte de uma das professoras, recebo uma ligação da coordenadora pedagógica da Ong (que havia aprovado e adorado o meu projeto) que pelo telefone diz: “Você deve utilizar menos cor nas histórias”. E, em seguida, “pede” que a coordenadora social confirme o que ela disse. Na semana seguinte, ela reafirmou pessoalmente o que fora dito: “Você deve contar histórias com personagens que não sejam apenas negros, para mostrar às crianças que existem outros tipos de pessoas. Para falar do negro, não precisa ser livro de personagens negros”. Então, eu questiono: como construir uma

identidade positiva do negro e aumentar a autoestima da criança negra, a partir de referenciais não-negros?

Diante de tantos empecilhos, descreverei sucintamente como ocorriam as atividades no ambiente escolar: antes de inicia-las, primeiramente, contava uma história da literatura infantil ou infanto-juvenil (às vezes, adaptada para melhor compreensão das crianças pequenas) com personagens negros e preferencialmente que expressassem a cultura africana e do negro brasileiro e, em seguida, propunha às crianças que desenhassem, pintassem, ou que fizessem recortes, dramatizações ou fantoches com base nas histórias. Mas, tristemente, muitas escolas ainda negam as culturas negras brasileiras e africanas e só veem histórias boas aquelas com personagens brancos.

Em 2010, já formada, trabalhei como professora em uma escola particular e lá tinha liberdade para contar histórias com personagens negros e também fazer atividades que valorizavam as culturas negras e africanas com a minha turma, porém, ao propor em uma reunião pedagógica que todas as professoras também deveriam trabalhar as questões raciais em suas turmas, não obtive apoio de nenhuma professora e nem da coordenação.

Hoje, trabalho em um EDI (Espaço de Desenvolvimento Infantil) no município do Rio de Janeiro e recebo apoio da direção para todas as atividades e projetos voltados para a valorização das culturas negras e africanas, além disso, a direção possui uma visão crítica acerca da questão racial e contribui para maior conhecimento da equipe pedagógica a respeito, aceitando minhas sugestões de projeto e de capacitação voltados para a temática racial.

O racismo sempre me incomodou profundamente, principalmente após ter iniciado os meus estudos acerca da questão racial na sociedade e no ambiente escolar, pois, para mim, é inconcebível que as pessoas negras sejam maltratadas por terem hábitos, cultura e cor de pele diferentes das dos brancos. Penso que nenhum ser humano poderia aceitar forma alguma de discriminação, preconceito e racismo e, que todos devem lutar por uma sociedade sem racismo, discriminações e preconceitos raciais. Além disso, acredito que todos nós professores temos papel fundamental na luta contra o racismo, a partir de atividades e projetos contínuos que enalteçam as culturas negras brasileiras e africanas contribuindo assim, para construção de identidades negras positivas e para uma Educação Antirracista.

3.2 Justificativa social

Este trabalho é essencial para desmistificar o mito da democracia racial, de forma a explicitar o porquê da negação do racismo e entender como o mesmo se manifesta nas práticas pedagógicas. Com base nisso, Santos (2002, p. 119) afirma:

O alastramento das teorias racistas aprimoradas no século XIX é inimaginável. Se durante a escravidão os negros já eram desprezados por serem considerados inferiores, após a Abolição esse desprezo só aumentou. [...] Somando-se um mito após o outro, inferioridade, vagabundagem, incompetência, foi-se esboçando o perfil do homem negro como anticidadão, como marginal. Essa visão racista que buscava afastar negros e brancos para que não houvesse misturas, para que não houvesse maior enegrecimento do país – operava em várias esferas: 1) provar a todos de maneira sutil a inferioridade dos negros e a superioridade dos brancos; 2) atestar que no Brasil nunca houve barreiras raciais, todos eram tratados igualmente (estratégia contra possíveis revoltas); 3) gerar um sentimento de repulsa do branco pelo negro e de resignação do negro diante de sua própria inferioridade.

Como visto, o racismo foi construído propositalmente para que a elite branca continuasse no poder e, diante disso, não há dúvida sobre a não existência de uma democracia racial, assim como, é imperativo a eliminação do racismo na sociedade brasileira. Ademais, torna-se urgente que os espaços escolares formais e não-formais posicionem-se a favor de uma Educação Antirracista. Isto porque: “O racismo acentua atributos positivos do grupo que se acha superior e atributos negativos do que é inferiorizado, retira a humanidade do grupo racial em posição de inferioridade, transforma as diferenças em desigualdades.” (SILVA, 2001 apud SILVA, 2002. p. 57)

A esse respeito, Santos e Fernandes (2016, p.263) afirmam que:

A sociedade brasileira é uma sociedade multicultural e pluriétnico-racial sendo difícil definir uma identidade étnico-racial do brasileiro. Mas, é possível afirmar que a hierarquia étnico-racial imposta com a colonização produziu um adestramento do outro diferente do padrão branco europeu, que o submeteu a forjar sua identidade em referência à cosmovisão e modo de vida do colonizador, para compartilhar de critérios lógicos, éticos, estéticos e espirituais adjudicados e assim adquirir características do ser humano considerado universal.

Portanto, a representatividade negra se faz necessária diante de um contexto histórico e social de desprezo pelo ser negro. Logo, a relevância desse trabalho consiste na desmistificação dos estereótipos atribuídos às populações negras e africanas e que repercutem nos espaços escolares através da não valorização de suas identidades e culturas. Para Silva (2002, p.60):

Um dos elementos mais importantes no processo de constituição social do sujeito é a identidade. Ela não é inata, se constrói em determinado contexto

histórico e cultural, e está relacionada aos referenciais coletivos de inserção a um grupo, aos usos sociais das formas de reconhecimento e aos processos culturais de construção de representações simbólicas.

Dessa forma, como construir identidades negras positivas com uma cultura que não valoriza nada advindo das pessoas negras? Indo contra esse movimento, este trabalho propõe representatividade negra positiva para as crianças por meio da literatura com personagens negros sendo os protagonistas e que trazem um pouco das culturas africanas. Para assim, contribuir para uma boa autoestima das crianças negras.

3.3 Justificativa pedagógica

Este estudo sobre as práticas educativas do cotidiano escolar da Educação Infantil frente a questão racial, contribuirá para o conhecimento dos professores e demais educadores a respeito da questão racial no Brasil e sua relação direta com as creches e pré-escolas, de forma a melhorar o cotidiano escolar para as crianças negras. Para tanto, busca-se relatos de possíveis experiências dos professores e educadores e, análises das observações feitas no espaço escolar. Isto porque, é a partir da Educação Infantil que todos os tipos de preconceitos e estereótipos acerca das populações negras e africanas e de suas culturas devem ser eliminados.

Uma visão positiva acerca do negro e sua cultura, tanto brasileira quanto africana, é fundamental para todas as crianças independente de cor de pele, no entanto, é urgente para as crianças negras, pois elas precisam se ver representadas nos murais, nos cartazes e nas histórias infantis. Por isso, abaixo seguem duas tabelas com os dados da cor da pele das crianças que foram sujeitos desta pesquisa, como forma de elucidar a importância de uma intervenção pedagógica com foco nas culturas negras e africanas.

Quadro 1 – Cor da pele das crianças do Maternal II

| MATERNAL II | | |
|--------------------|--------------------------------------|--|
| COR DA PELE | INFORMAÇÃO DA FICHA CADASTRAL | PERCEPÇÃO DA PESQUISADORA¹ |
| PRETOS | 03 | 07 |
| PARDOS | 20 | 18 |
| BRANCOS | 04 | 02 |
| TOTAL DE CRIANÇAS | 27 | 27 |

Fonte: A autora, 2019.

Quadro 1 – Cor da pele das crianças da Pré-escola II

| PRÉ-ESCOLA II | | |
|----------------------|--------------------------------------|----------------------------------|
| COR DA PELE | INFORMAÇÃO DA FICHA CADASTRAL | PERCEPÇÃO DA PESQUISADORA |
| PRETOS | 05 | 12 |
| PARDOS | 17 | 13 |
| BRANCOS | 05 | 02 |
| TOTAL DE CRIANÇAS | 27 | 27 |

Fonte: A autora, 2019.

Com base nas tabelas acima, nota-se que em ambas as turmas há 25 crianças negras (pretas e pardas) que correspondem a 92,5% do total de crianças em cada turma e, que a maioria delas são pardas, no entanto, na turma da Pré-escola há um número bem expressivo de crianças pretas.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, p.13):

[...] os sistemas de ensino e estabelecimentos de diferentes níveis converterão as demandas dos afro-brasileiros em políticas públicas de Estado ou institucionais, ao tomarem decisões e iniciativas com vistas a reparações, reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à constituição de programas de ações afirmativas, medidas esta coerentes com um projeto de escola, de educação, de formação de cidadãos que explicitamente se esbocem nas relações pedagógicas cotidianas.

¹ Não é o intuito determinar a identidade de nenhuma criança, apenas uma forma para melhor compreensão de como os responsáveis enxergam a cor da pele de suas crianças.

Portanto, trabalhar com essa temática nas escolas é colocar-se contra as desigualdades raciais que constituem a sociedade brasileira. Além disso, como afirma Gomes (2015, p.80):

[...] é também um dever democrático da educação escolar e das instituições públicas e privadas de ensino a execução de ações, projetos, práticas, novos desenhos curriculares e novas posturas pedagógicas que atendam ao preceito legal da educação como um direito social, no qual deve estar incluído o direito à diferença. As ações pedagógicas voltadas para o cumprimento da Lei nº 10.639/03 e suas formas de regulamentação se colocam nesse campo. A sanção de tal legislação significa uma mudança não só nas práticas e nas políticas, mas também no imaginário pedagógico e na sua relação com o diverso, aqui, neste caso, representado pelo segmento negro da população.

E toda essa mudança deve ter início na Educação Infantil, pois como afirma Cavalleiro (2000, p.26):

Compreende-se que o reconhecimento positivo das diferenças étnicas deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. [...] a Educação Infantil não deve esquivar-se do dever de preparar o indivíduo para a existência das diferenças étnicas, já que ela, inevitavelmente, permeará a sua relação com os demais cidadãos.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Por a criança ser o foco e sujeito deste trabalho, é fundamental a compreensão de infância/s e saber como esta/s é/são vista/s dentro da Educação Infantil.

Para Heywood (2004 apud PANIZZOLO; TEIXEIRA, 2017, p.294) existia uma infância na Idade Média, no entanto, com uma concepção de infância diversa da dos séculos posteriores: “uma consciência de que as percepções de uma criança eram diferentes das dos adultos”. Além de afirmar que “não existe uma criança essencial a ser descoberta pelos pesquisadores”.

Com isso, Panizzolo; Teixeira (2017, p.294) afirmam:

ajudando-nos, dessa maneira, a refletir sobre o modo idealista de pensar a infância ainda muito presente nos trabalhos contemporâneos, que a concebe como universal e atemporal, como uma fase da vida com características fixas, vivida de maneira igual por todos os indivíduos que se encontram nesse período determinado. [...] os recentes estudos da Pedagogia, psicologia e Sociologia têm mostrado uma nova visão de criança, que nos permite compreender seu desenvolvimento e a forma como ela participa na construção de seu conhecimento.

Dessa forma, é possível pensar que se não há apenas um tipo de criança a ser descoberto, logo, existe mais de uma infância. E são essas diferentes infâncias que necessitam de valorização, pois não é mais possível conceber um modelo de criança e infância a ser seguido.

E, de acordo com Brasil (2006, p.14), a criança pode ser definida como:

um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação.

Desse modo, a criança não é mais vista como um ser vazio que precisa ser preenchida com os conhecimentos dos educadores, professores e demais adultos que a cercam. Ela é tida como sujeito que tem uma história, que possui cultura e não é incompleto, por ser capaz de pensar, criar, sentir e descobrir às suas maneiras o mundo ao seu redor, além de poder fantasiar, gostar ou não de algo.

Nos artigos 29 e 30 da LDB:

a educação infantil, primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A educação infantil será oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade. (BRASIL, 1996, p.11)

Portanto, para o desenvolvimento integral da criança, principalmente da criança negra que ao longo da história tem tido a sua identidade negada (MUNANGA, 2015), é necessário também que ela possa ser livre para construir sua identidade sem precisar seguir nenhum padrão social, logo, a valorização das diferenças deve se fazer presente no seu cotidiano escolar.

De acordo com Munanga (2015, p.22):

Na contramão da globalização neoliberal homogeneizante que quer arrastar todos os povos para o mesmo fosso, ocorre paralelamente em todo o mundo o debate sobre a preservação da diversidade como uma das riquezas da humanidade. A questão fundamental que se coloca em toda parte é como combinar, sem conflitos, a liberdade individual com o reconhecimento das diferenças culturais e as garantias constitucionais que protegem essa liberdade e essa diferença. Essa questão leva a uma reflexão complexa que abarca notadamente o político, o jurídico e a educação.

Sendo assim, é correto dizer que para haver a valorização das diferenças, é essencial que outros campos, além do campo da Educação, também estejam comprometidos em garantir que as diferenças culturais existam, pois, o Brasil é composto por variados tipos de cultura e, não se pode afirmar que uma seja melhor que a outra. Portanto, as diferenças precisam e devem ser respeitadas. Ainda nessa perspectiva, Munanga (2015.p.22) afirma que:

É essa questão que está no âmago das polêmicas maniqueístas do bem e do mal que envolvem o debate sobre a ação afirmativa e a obrigatoriedade do multiculturalismo na educação brasileira. É a partir dessa interminável polêmica que pretendo me colocar para mostrar que a defesa da diversidade e da diferença é uma questão vital no processo de construção de uma cidadania duradoura e verdadeira, por um lado, sem, entretanto, abrir mão da defesa de nossas semelhanças e nossa identidade humana genérica, por outro lado.

Dessa forma, a construção de uma cidadania duradoura e verdadeira, permitiria às crianças, principalmente as crianças negras, não mais sofrer por terem hábitos culturais diferentes e suas identidades seriam aceitas e respeitadas. Isto porque, o outro está sempre presente na construção da identidade individual de cada criança e, por ainda não haver o respeito às diferenças, esse mesmo outro interfere negativamente na construção dessa identidade.

Santos e Fernandes (2016, p. 261) afirmam que: “O outro internalizado no processo de identificação constitui-se como a instância psíquica do eu denominada ideal de ego e atua como

modelo a que o sujeito procura conformar-se.” Ou seja, os valores e ideais de beleza eurocêntricos² tornam-se objeto de desejo das crianças, de forma que elas, não se veem negras e querem se enxergar brancas, pois é tido como padrão de beleza e sinônimo de tudo que é bom. E diante disso, as crianças negras desenham-se brancas e de cabelos loiros e lisos, pois este modelo de beleza europeu já está interiorizado na maioria das crianças pequenas, por também ser, na maioria das vezes, o único tipo de beleza conhecido. Por isso, é urgente que todas as crianças cresçam em um ambiente escolar com práticas docentes que valorizem as diferenças, para que as crianças negras construam suas identidades de forma positiva e não se anulem diante de outras identidades e culturas.

Ainda na perspectiva de Santos e Fernandes (2016, p.264):

A insígnia da diferença inferiorizante, herdada da colonização, alimentada pelo racismo, e manifesta em comportamentos de preconceito e ações de discriminação racial, faz parte do tornar-se negro, de forma inconsciente ou consciente, pela identificação com o padrão branco, internalizando o mesmo como ideal de ego, como modelo a ser seguido.

Essa internalização do ego branco é tão prejudicial na formação da identidade individual das crianças negras, que Santos e Fernandes (2016, p.265) afirmam:

O sujeito localiza-se na pluralidade de elementos que o marcam desde antes de seu nascimento e o transformam no transcurso da vida. Ele é parte inerente de seu coletivo, emergindo enquanto individualidade, mas que inexistente sem o grupo. Cada componente não é apenas um sujeito no grupo, mas síntese do grupo no sujeito.

Dessa forma, se a identidade do grupo é formada com base em ideais eurocêntricos, sem valorizar as diferenças e principalmente as culturas negras e africanas, as crianças negras dentro deste grupo têm as suas identidades individuais apagadas. Por isso, Munanga (2015, p.26) apresenta uma solução para o não apagamento das diferentes culturas e identidades:

A saída, no meu entender, não está na erradicação da raça e dos processos de construção da identidade racial, mas sim numa educação e numa socialização que enfatizem a coexistência ou a convivência igualitária das diferenças e das identidades particulares. Visto sob esta ótica, penso que implantar políticas de ação afirmativa não apenas no sistema educativo superior, mas em todos os setores da vida nacional onde o negro é excluído, não significa destruir a

² Eurocentrismo – cujas referências são europeias; que interpreta o mundo a partir dos valores da cultura europeia. BRANDÃO, Ana Paula; SANTOS, Katia. Glossário. **Saberes e fazeres: caderno de metodologia**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015. p. 219-228

identidade nacional nem a “mistura racial” como pensam os críticos das políticas de cotas, que eles mesmos rotulam como cotas raciais, expressão que não brotou do discurso do Movimento Negro Brasileiro. Sem construir a sua identidade “racial” ou étnica, alienada no universo racista brasileiro, o negro não poderá participar do processo de construção da democracia e da identidade nacional plural em pé de igualdade com seus compatriotas de outras ascendências.

É a partir daqui que colocamos a questão da importância de ensinar a história da África e do negro na sociedade e na escola brasileira.

Por conseguinte, Gomes (2005, p.51) afirma que:

Refletir sobre a questão racial não é algo particular que deve interessar somente às pessoas que pertencem ao grupo étnico/racial negro. Ela é uma questão social, política e cultural de todos(as) os(as) brasileiros(as). Ou seja, é uma questão da sociedade brasileira e também mundial quando ampliamos a nossa reflexão sobre as relações entre negros e brancos, entre outros grupos étnico-raciais, nos diferentes contextos internacionais. Enfim, ela é uma questão da humanidade.

Dessa forma, é necessário que toda a população brasileira esteja disposta a aceitar o que lhe é diferente e, não mais utilizar estas diferenças para reforçar estereótipos, preconceitos, discriminações e práticas racistas. Além disso, todos os professores e educadores devem estar engajados na luta por uma Educação Antirracista para que assim, todas as crianças sejam respeitadas sem distinção de cor de pele, aparência física e hábitos culturais. Para tanto, todos os profissionais de educação precisam conhecer as Leis 10.639/03 e 11.645/08 e colocá-las em prática com a ajuda das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004).

5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho, consiste em uma pesquisa qualitativa, cujo método utilizado é a análise profunda do cotidiano, para conhecer e definir a vida cotidiana das crianças e professores e a realidade social em que ambos estão inseridos. Ademais, observar a prática cotidiana da Educação Infantil de uma escola pública do município do Rio de Janeiro, através, principalmente, de coleta de dados como questionários³ aplicados aos professores e demais educadores e de práticas educativas escolares relacionadas às crianças negras. Com as crianças serão realizadas diversas atividades pedagógicas como: dramatização, desenhos, contação de histórias entre outras, para verificar a relação entre crianças negras e brancas, além de, conhecer o que pensam e/ou sabem a respeito das culturas negras brasileiras e africanas. Para tanto, recorreu-se a análise do cotidiano pautada no pensamento de Pais (2003, p.72):

A vida cotidiana não se constitui num objeto unificado por qualquer sistema conceptual e teórico coerente e próprio, embora seja um termo que se tem imposto, orientando reivindicações, atitudes, discursos. Por outro lado, o cotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam.

Sendo assim, é fundamental o estudo do cotidiano da Educação Infantil, pois, nele estão presentes as assimilações que as crianças fazem do que a sociedade é, e esta vive em constante transformação. Portanto, esta pesquisa consiste em um estudo aprofundado do cotidiano escolar de duas turmas da Educação Infantil de segmentos diferentes: Maternal II e Pré-escola II⁴.

Além disso, Cavalleiro (2000, p.18) afirma:

[...] Problemas não encontrados pela criança no grupo familiar poderão ser encontrados no cotidiano escolar. Consequentemente, a ausência de relação entre família e escola impossibilita, a ambas as partes, a realização de um processo de socialização que propicie um desenvolvimento sadio. Coloca em jogo não só o mundo a ser interiorizado pela criança, mas, principalmente, o seu lugar nesse mundo, o lugar de seu grupo social e, sobretudo, a sua própria existência.

³ Os questionários foram distribuídos em dois momentos, o primeiro foi antes do início das atividades com as crianças para levantar dados de como a questão racial era vista por professores e educadores. Já o segundo, após a culminância do projeto desenvolvido, este também se referia a mesma temática, mas com foco no projeto. (Ver Apêndice A)

⁴ A escolha da turma do Maternal II, deveu-se ao fato de eu ser a professora regente. Quanto a turma da Pré-escola II, foi devido ser de outro segmento, ou seja, optou-se por duas turmas de segmentos diferentes para melhor compreender como as questões raciais ocorrem em cada segmento.

Com isso, as crianças, principalmente as crianças negras, precisam estar em um espaço escolar em que as diferenças sejam valorizadas, para que elas possam construir suas subjetividades de forma positiva e não serem o que a sociedade já diz o que devem ser. Por isso, o estudo do cotidiano escolar da Educação Infantil é vital para a compreensão de como as crianças negras constroem suas identidades.

A partir das observações feitas no cotidiano escolar das turmas citadas acima, será possível compreender também: como ocorrem as práticas pedagógicas referentes a problemática racial; como as crianças negras são vistas e tratadas; perceber de que maneira são construídas as identidades e possibilitar formas de representatividade negra para todas as crianças, em especial, às crianças negras a partir de atividades pedagógicas tendo a literatura infantil como base⁵.

Ademais, Cavalleiro (2001, p.150) diz:

No cotidiano escolar, a educação anti-racista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e idéias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente, etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. Em um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a ferramenta mestra.

Portanto, para que haja mudança no cotidiano escolar em relação ao racismo é preciso que todos professores, educadores e as famílias repensem a questão racial de forma crítica, visando sempre uma educação igualitária para alunos negros e brancos.

Freire (1979) citado por Cavalleiro (2001, p.159):

[...] A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um “compromisso” contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros. Estão “comprometidos” consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível.

A instituição escolar e todo corpo docente não podem se calar diante das práticas discriminatórias e do preconceito racial. É necessário que todos ajam com atenção e com

⁵ Não é objetivo desse trabalho discutir literatura negra e africana, ou fazer uso de um determinado tipo de literatura. Apenas utilizar-se de livros infantis que tragam em seus enredos, as culturas negras brasileiras e africanas de forma que promova representatividade negra para todas as crianças.

consciência de que a transformação e a mudança são urgentes, logo, todos devem se comprometer a transformar o cotidiano escolar em um local de igualdade sem sentimentos de superioridade. Dessa forma, desconstruindo a imagem negativa acerca da história do negro e sua cultura, que está enraizada na sociedade.

A escolha pela literatura partiu da importância que os livros tem na vida das crianças e, principalmente, porque a maioria dos livros infantis ainda trazem personagens brancos em suas capas e histórias e, por mais que seja crescente a quantidade de livros infantis com a temática racial, ainda pouco se trabalha no ambiente escolar infantil. Ademais, as crianças desde muito pequenas costumam ter acesso a livros de princesas e príncipes brancos e, no imaginário infantil, estes são os modelos de beleza, pois a maioria delas desconhece outro tipo de princesa e de príncipe. Por isso, este trabalho proporá histórias com personagens negros como protagonistas e que também são princesas e príncipes. Isto é fundamental, pois como foi elucidado anteriormente a maior parte das crianças das turmas que serão sujeitos ativos dessa pesquisa, é negra e, logo, precisam de representatividade. A respeito disso, Adichie (2019, p.7) relata:

[...] Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade - textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler -, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria.

Ou seja, se as crianças não tiverem contato com uma literatura que traga personagens negros que contem suas histórias e mostrem as riquezas de suas culturas, elas também terão uma visão única das histórias infantis, por isso, é fundamental que todas as crianças possam conhecer as histórias africanas presentes na literatura. Pois, como afirma Adichie (2019, p.7-8):

Como eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Mas tudo mudou quando descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de ser encontrados quanto os estrangeiros, mas, por causa de escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, minha percepção da literatura passou por uma mudança. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia. [...] O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros.

Para Dornelles (2015, p.155):

Enquanto professora de crianças, entendo ser necessária uma análise das questões das subjetividades sexuais, de gênero, raça, geração, etc., na constituição do sujeito-criança apresentado pelos artefatos culturais consumidos por elas. Certamente, isso nos possibilita entender de que maneira as crianças são encorajadas a disciplinarem, normatizarem, governarem e controlarem seus corpos, dentro de um modo específico e particular de beleza, feminilidade ou masculinidade proposto pela sociedade contemporânea.

Desse modo, é fundamental trabalhar com imagens negras positivas, tanto de mulheres africanas que são princesas e rainhas, quanto de crianças também negras que estão em posição de destaque de forma que as crianças negras possam se reconhecerem nessas imagens. Ademais, o livro infantil com personagens negros em destaque será uma ótima ferramenta para corroborar com a representatividade negra proposta neste trabalho.

Este trabalho tem o intuito de trazer novas vivências a partir de livros que enalteçam as crianças negras, devido a tragicidade para com as crianças negras presente em muitos ambientes escolares da Educação Infantil. Isto porque o tratamento dado a elas costuma ser muito hostil, pois sempre são deixadas de lado e, nunca foram e nem são as filhas das professoras, estas, em nenhum momento diz que vão levá-las para casa, que são lindas e princesas⁶, dentre outros tratamentos costumeiramente destinados às crianças brancas. Como se isso tudo não fosse suficiente, ainda impera a ideia de igualdade entre todas elas quando, na verdade, são todas diferentes. Dessa maneira, é difícil ser uma criança pequena e negra e sentir que não recebe o mesmo carinho e atenção que as crianças brancas. Como fica a cabeça de uma criança, principalmente da criança negra, que passa cotidianamente por essa situação? Por isso, esse trabalho proporcionará maior representatividade negra e valorização das culturas negras brasileiras e africanas. Afinal, como afirmar que essas crianças ao sair da creche e da pré-escola terão recebido algum preparo para a cidadania, se não possuem suas subjetividades respeitadas? Já que este é dever da escola no que confirma o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1995, p.27-29):

Art. 53 A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania [...]

Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais,

⁶ Faz parte do cotidiano da criança pequena ouvir certos tipos de falas vindas dos adultos professores e educadores, como: “Minha princesa”; “Príncipe lindo”; “Você é meu filho”; “posso te levar pra minha casa?” Desde quando ainda cursava Pedagogia, ouvia isso nos estágios e continuo ouvindo até hoje, no entanto, essas falas sempre são direcionadas para as crianças brancas.

artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantido-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.

Já são refutadas pelas diversas ciências, que todas as ideias negativas acerca do negro foram construídas historicamente. Logo, tanto a sociedade quanto a escola devem não mais inferioriza-lo e sim reconhecê-lo e valorizar a sua cultura. Para Loureiro (2004, p.49):

[...] A história sobrevive nos protótipos ideais e nos perversos que orientam as imagens parentais (por exemplo: o “bom” e o “mal”, o “mocinho” e o “vilão”, o “elegante” e o “cafona”) e que colorem as estórias e as lendas, e se fazem presentes nos hábitos familiares e na forma aceita de se fazer as coisas em geral.

Isso é transmitido às crianças desde muito pequenas, o mesmo ocorre com as questões raciais, nas quais, o negro foi sendo visto ao longo da história como apenas um escravo, que não pensa e, continua sendo visto de forma inferior aos brancos na sociedade, por isso, a necessidade de eliminar os estereótipos negativos acerca deste e de sua cultura.

Por tudo dito acima, foi pensado em um desfile⁷ para o encerramento deste trabalho, para que as crianças, em sua maioria negras, possam sentir-se importantes e internalizarem imagens positivas de si mesmas, além de, desmistificar os padrões de beleza e de cultura ainda muito presentes nos livros infantis.

Além disso, este trabalho busca entender como as crianças enxergam a temática racial, pois como afirma Cavalleiro (2000, p.16):

Numa sociedade dialética homem/ sociedade, o novo membro da sociedade interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração já definida, construída anteriormente à sua existência. Assim, interagindo com outros, a criança aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e, mais especificamente, do espaço de inserção de seu grupo social.

Por isso, a importância da valorização da diversidade racial no cotidiano escolar da Educação Infantil, pois as diferenças precisam ser respeitadas de forma que não haja uma criança tida como melhor que outra por suas características físicas e/ou culturais. Além disso, evitar a falsa impressão de que todos são iguais quando na verdade não o são. Isto é, cada criança possui características únicas, como: vontades, culturas, hábitos e vivências. Dessa forma,

⁷ Mais detalhes na Discussão de Dados.

a identidade da criança e sua autoestima ficam prejudicadas se estas diferenças não forem percebidas e aceitas, pois como afirma Oliveira (2006, p.36):

A creche estaria esvaziada do seu caráter público e político e tornando-se cada vez mais privada, fraterna e doméstica. No entanto, a fraternidade suprime a distância entre os homens e transforma a diversidade em singularidade, anulando a pluralidade, pois a fraternidade supõe a condição de irmãos entre os homens, ou seja, cria uma situação identificatória, de igualdade, tendo como modelo de organização a família e o parentesco. Adquire, assim, um caráter altamente discriminatório, porque, quando não há essa “identificação” na relação entre os “iguais”, ou seja, quando o “outro” não é uma cópia de mim, então há uma redução do outro ao mesmo, constituindo-se em práticas de exclusão e supressão de toda forma de diferença/ alteridade.

Ao discutir diferença, é necessário falar sobre identidade para melhor compreender a diferença, para tanto, MUNANGA, 1994 apud GOMES, 2005, p.40) diz:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc.

A identidade da criança é construída em seu ambiente familiar junto à sua comunidade e na escola, por isso, esta última deve aceitar e compreender que há uma identidade negra e, assim como qualquer outra está sempre em processo de transformação e mudança, e se assumir como negro é uma questão política da mesma forma que a questão racial também é de responsabilidade política.

Souza (1991 apud FERREIRA, 2000, p.41) afirma que:

a identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. O afro-descendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou encoberta e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor.

Por isso, a valorização da cultura negra e africana fazem-se essencial para eliminar os estereótipos e preconceitos acerca do negro, já que a construção da identidade acontece com o outro sempre presente. Ou seja, uma pessoa não consegue construir sua identidade totalmente livre de influência do meio, o mesmo ocorre com as crianças.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este trabalho⁸ se propôs enaltecer as culturas negras e africanas, a beleza das populações negras e promover uma identidade negra positiva para todas as crianças, principalmente às crianças negras, para tanto, foram propostas atividades partindo da literatura infanto-juvenil com personagens negros como protagonistas das histórias e personagens esses que mostram suas culturas de forma positiva. Tais atividades ocorreram dentro do Projeto “Pedacinhos de África”⁹ para duas turmas com segmentos diferentes: maternal II e pré-escola II e serão descritas abaixo separadamente para melhor caracterizar a identidade de cada turma.

Anterior ao projeto Pedacinhos de África, foi sugerido e discutido diversas vezes nas reuniões pedagógicas, a necessidade de trabalhar desde o início do ano a valorização das identidades das crianças negras, de forma que estaria dentro do Projeto Político Pedagógico. A diretora gostou da sugestão, porém a equipe tinha muita dificuldade de compreender como trabalhar as questões étnico-raciais com um projeto voltado para a sustentabilidade. Aos poucos, após muito diálogo, compreendeu-se que era totalmente possível, principalmente no campo da sustentabilidade social.

E, com o subprojeto do terceiro bimestre “Contando história e encantando gerações”, tornou-se ainda mais importante o enaltecimento das culturas negras e africanas, pois, o tema estava de acordo com as influências das culturas africanas que utilizam a oralidade para passar conhecimento e saberes dos mais velhos. Portanto, o objetivo do subprojeto era trazer histórias de vida dos familiares das crianças, assim como, trabalhar com contos e histórias africanas que trouxessem a cultura e a sabedoria populares como grandes aprendizagens e experiências. Isso porque, nas culturas africanas aqueles que detém experiências de vida passam as suas experiências através de histórias e contos para os mais novos que escutam com atenção e respeito as vivências dos mais velhos. Essa prática perpassa por todas as gerações e muitas dessas histórias e desses contos propiciam encantamentos para os que escutam, por isso, o nome do subprojeto: “Contando histórias e encantando gerações”.

⁸ Este trabalho foi desenvolvido e executado por mim, no entanto, optei por não escrever o texto em primeira pessoa.

⁹ Ver Apêndice B

Com base nesse subprojeto e no projeto “Pedacinhos de África”, foi criado na turma do Maternal II uma personagem: a princesa Shaira, boneca de pano negra, vinda da Nigéria com o intuito de trazer para o cotidiano das crianças uma boneca negra que pudesse representar positivamente a cultura africana. Shaira fazia parte das rodas de conversa, das brincadeiras livres, tinha o nome na chamada e estava em todos os momentos com as crianças (meninas e meninos).

6.1 Maternal II

Diversos livros com personagens negros na capa e como protagonistas das histórias foram apresentados às crianças e lhes foi possibilitado diversas leituras livres, nas quais as crianças escolhiam o que ler e como ler. No que diz respeito às atividades direcionadas, o primeiro livro utilizado chamava-se “*Chuva de manga*”¹⁰ de James Rumford, que narra a história de um menino chamado Tomás que vive em um vilarejo no Chade (país do Continente Africano) que aguarda a chegada da chuva para irrigar o solo que no futuro daria muitas mangas, enquanto isso, o livro mostra como é a vida da população desse vilarejo até “chover mangas”, mostra o Tomás (personagem principal) brincando e construindo um carro de lata de leite e outras sucatas junto com seu pai, mostra os membros de sua família sempre juntos, sua mãe, tias e avós cuidando das crianças menores e costurando roupas para elas, além disso, vê-se as pessoas mais velhas reunidas com os mais novos e contando histórias. Após as mangueiras darem frutos, a população tem muitas mangas para comer e vender.

As crianças ouviram e leram diversas vezes esta história e também participaram de algumas atividades como: desenho livre da história; degustação de suco de manga. Além disso, na Semana da Alimentação, as crianças e seus respectivos responsáveis tiveram um momento, no qual, puderam degustar mangas após a leitura da história “*Chuva da manga*”, além de participarem falando o que gostaram da história e o que entenderam. As crianças falavam sobre o Tomás ter tido uma grande ideia que era construir um carro de lata com a ajuda de seu pai e que chovia mangas e eram muito maduras e gostosas. Já os responsáveis disseram que a história era muito legal porque contava a história de famílias que viviam da venda de mangas.

¹⁰ RUMFORD, James. **Chuva de Manga**. São Paulo: Brinque-Book, 2005.

Nesse dia, a história foi contada na parte externa da escola e foram expostas fotografias das crianças degustando o suco de manga, sentindo o cheiro da manga e ouvindo a história. Havia também bonecos de pano negros que simbolizavam a família de Tomás e tinha um caminhão de madeira que as crianças associaram ao carro de lata feito por Tomás na história, além do personagem principal um boneco que representava o Tomás. Isso porque as crianças gostaram muito dessa história e adoraram o personagem Tomás e como na escola havia um boneco negro, que se assemelhava ao personagem, este foi chamado de Tomás e, as crianças passaram a brincar e estar com o boneco em todos os momentos, inclusive nas conversas em roda.

As crianças pequenas vivem em um universo onde tudo que é belo é associado a príncipes e princesas, por isso, um dos livros utilizados tinha uma princesa nigeriana como protagonista, desconstruindo assim o padrão existente para princesas, buscando dessa forma, representar assertivamente outras formas de beleza: as belezas negras.

Outra história trabalhada foi: *“Doce princesa negra”*¹¹ de Solange Cianni, que traz uma pré-adolescente negra e de cabelos cacheados como protagonista. A partir deste livro, as crianças tiveram contato com imagens de outras princesas negras além das da história e conheceram por fotos princesas negras do continente africano. A partir dessas imagens, algumas crianças reconheceram suas mães e avós, principalmente pela semelhança do cabelo. Com isso, elas entusiasmadas começavam a buscar nas imagens algo que recordasse algum membro da família.

Outras atividades foram realizadas, como: desenho livre da princesa da história, para tanto, foi perguntado às crianças: “Qual a cor da pele da princesa?” Muitas responderam: preta, outras marrom e algumas negra, por isso, as crianças foram orientadas a utilizar a hidrocor que mais se assemelhava à cor da pele da princesa. A cor escolhida por elas após observarem melhor as imagens da princesa, foi a cor marrom. A turma fez o desenho da princesa nigeriana focando no cabelo dela, principalmente quando ela estava de coque (ela aparece com diversos penteados) para enfeitar o mural da sala. Algumas crianças desenharam o cabelo da princesa liso, mesmo sendo cacheado.

¹¹ CIANNI, Solange. **Doce princesa negra**. Brasília: LGE, 2006.

As crianças também tiveram outros momentos para desenhar a história, dessa vez, com giz de cera, a maioria representou a personagem principal com giz marrom e seu cabelo preto ou marrom e, novamente, algumas crianças desenharam o cabelo da princesa liso. Também ilustraram as pulseiras coloridas que ela usava, a sua família e o rio da história.

De acordo com Grubits (2003, p.99):

A identificação e a legibilidade da produção são geralmente tributárias de uma semelhança visual, visão fotográfica com o objeto: a imagem desenhada aparece como uma transcrição, sobre a folha de papel, das qualidades sensíveis do objeto; ela reduz o real para melhor o evocar; ela é uma elaboração original, um agregado de significados, cuja natureza e estrutura são largamente determinadas pelos processos diversos, de ordem perceptiva, cognitiva e sociocultural; processos que, além disso, subentendem e trabalham a personalidade do desenhista.

Como dito acima, no desenho infantil há “um agregado de significados”, portanto, é preciso atenção a forma como as crianças interiorizam as representações sociais e, principalmente, os padrões estéticos eurocêntricos impostos pela sociedade. O cabelo tem sido muito importante para compor os ideais de beleza e, foi o que mais chamou atenção das crianças (meninas e meninos) em relação a princesa negra e, mesmo assim, algumas crianças representaram o cabelo da princesa liso, quando não o era.

A confecção da bandeira da Nigéria (país da princesa da história) foi muito divertida, pois as crianças utilizaram tinta guache verde e pincel. Além disso ocorreram muitas conversas sobre a história a partir das imagens que mostravam um pouco da cultura da princesa nigeriana, como ter os cabelos trançados por sua mãe, danças, cantos que falam sobre as pessoas de seu país.

A partir do interesse das meninas da turma com os penteados da princesa da história, surgiu “O Dia da trança”, que ocorreu duas vezes e, fez referência a imagem da mãe da princesa que sempre fazia tranças em seu cabelo ou fazia coques. Mas, a princesa também deixava o seu cabelo somente com os cachos naturais ou no estilo Black. Nesses dias, os responsáveis colocaram alguns acessórios para serem utilizados nos penteados das crianças. As meninas gostaram muito dos penteados e não queriam desfazê-los em casa e, muitas usaram o penteado por vários dias.

A história: “*Doce princesa negra*” permitiu um olhar diferente sobre uma princesa e principalmente, a respeito de cultura, valores e família, pois a princesa é uma menina negra que

tem todo o amor de sua família e, sua mãe é muito carinhosa com ela, além disso, ela vai para a escola e está sempre com penteados diferentes.

Em seguida foi utilizado o livro: “*Escola de chuva*”¹² de James Rumford, cujo personagem principal é um menino negro chamado Tomás que vive no Chade, país do continente africano. Tomás além de muito querido pela turma, também era muito conhecido por fazer parte de uma outra história: “*Chuva de manga*”, como mencionado acima. As crianças por terem muito carinho ao personagem, passaram a disputar um boneco que o representava e, muitas vezes, havia pequenos conflitos entre elas para estarem com o boneco.

As crianças se identificaram com a história “*Escola de chuva*”, pois muitos momentos acontecem em uma escola e elas buscavam semelhanças a escola da história e ao espaço em que elas estavam. Paralelo a isso, a turma estava sempre falando em futebol e em bandeiras dos times cariocas, portanto, uma das atividades foi conhecer e confeccionar outra bandeira de um outro país africano: o Chade. As crianças já diferenciavam nesse momento as duas bandeiras confeccionadas (do Chade e da Nigéria), agregando assim, conhecimento acerca de diferentes culturas africanas e através de imagens conheciam alguns hábitos desses dois países.

Como muitas vezes as crianças se expressam através do desenho, também foi proposto a elas que desenhassem a história. Elas desenharam o personagem principal e sua família, a professora, a escola e a chuva.

De acordo com Rabello (2019, p.11):

O desenho é a maneira que as crianças têm de se comunicar e de se posicionar no mundo. É ainda uma linguagem singular, que nos possibilita conhecer o mundo infantil e como esta criança se sente no mundo. [...] Podemos ainda nos referir ao desenho como sendo uma maneira de contar coisas por meio de formas, linhas e cores. É, portanto, uma atividade envolvida pela magia de transformar traçados em história.

Ademais, as crianças confeccionaram uma escola com argila, papelão e folhas secas de árvore, pois na história acima citada, Tomás junto com seus familiares, colegas de turma, a professora e demais moradores do vilarejo construíram uma escola com tijolos de barro. A história mostra a importância que a escola tem para a população desse vilarejo em Chade e, as crianças puderam perceber que com a união de todos os personagens, a escola estava de pé novamente.

¹² RUMFORD, James. **Escola de chuva**. São Paulo: Brinque-Book, 2014

A importância da união de todos para que juntos possam construir algo para benefício comum, ficou evidente nas histórias em que o Tomás era o personagem principal, pois, em seu vilarejo no Chade, a população está sempre com o ideal de coletividade e isso é fundamental para a construção da identidade das crianças e, muito comum, em várias populações africanas e, de acordo com Trindade: (2005, p.35) “A cultura negra, a cultura afro-brasileira, é cultura do plural, do coletivo, da cooperação. Não sobreviveríamos se não tivéssemos a capacidade da cooperação, do compartilhar, de se ocupar com o outro.” Portanto, as crianças precisam deste sentimento de coletividade para a construção de suas identidades individual e de grupo e, perceber isso dentro da literatura infantil é de grande importância para a valorização das culturas e dos valores advindos das populações negras brasileiras e africanas.

Durante as conversas sobre a história citada acima, algumas questões para a mediação foram feitas: Por que será que as pessoas que moram no Chade precisaram construir a escola? As crianças gostam da escola? Como o Tomás é? E o que ele fez? O que vocês acharam da história? As crianças sempre respondiam que a história é muito legal e, que o Tomás construiu uma escola com a ajuda de todos, também diziam que as crianças gostavam da escola e faziam atividades como elas. E que ele se parecia com um colega da turma porque tinha a pele preta, algumas crianças falavam que ele era negro. As crianças já estavam familiarizadas com o termo negro por sempre ouvi-lo a partir das histórias que traziam personagens negros desde o início do ano de 2019.

Nos momentos de desenhos livres sejam de uma história ou não, as crianças muitas vezes pediam o lápis cor de pele e, em seguida, lhes era questionado: Lápis cor da pele negra ou branca? Elas sempre ficavam confusas, pois para elas só existia um lápis cor de pele e muitas vezes diziam: “Ué, lápis cor da pele” e, então era disponibilizado um pote com diversas cores e solicitado: “Pegue o lápis cor de pele que você quer”. O lápis que as crianças pegavam sempre era um rosa em um tom bem claro. Em seguida, elas eram estimuladas a pensar se aquele lápis que elas entendiam como sendo cor de pele, era para todas as peles e, questionadas: “Quem tem a pele rosa bem claro?” Por isso, foi apresentado à turma o livro: “*Lápis cor de pele*”¹³ de Daniela de Brito com o objetivo de mostrar para as crianças que há vários tons de pele e que cada pessoa é diferente e tem a cor da pele diferente, portanto, o lápis rosa bem claro não representava os diversos tons de pele, pois, não há uma única cor de pele para todos, porém, é necessário escolher o tom mais próximo da cor de pele de cada pessoa para poder fazer um

¹³ BRITO, Daniela de. **Lápis cor de pele**. São Paulo: Cortez, 2017.

desenho mais próximo de como ela é. Sendo essencial o respeito às diferenças e a identidade de cada pessoa.

Durante as rodas de conversas as crianças eram estimuladas a falar sobre os personagens e o que acontecia nas cenas da história, para tanto, eram feitas algumas perguntas para que as crianças as desenvolvessem a partir de como elas compreenderam, tais como: Como era o Tomás? “O Tomás era preto”. Algumas disseram: “Ele era negro”. Foi explicado às crianças que o Tomás era negro de cor de pele preta, porque não há apenas um tom de pele que representa a pele negra (após essa explicação, todas as vezes em que as crianças iam se referir a pessoas de pele preta ou personagens, elas sempre diziam em seguida o termo negro). O que o Tomás fez? “Ele construiu a escola e depois caiu” (as crianças respondiam em coro, pois esse feito do personagem despertou muita atenção das mesmas). Outras crianças completaram: Porque choveu e a escola era de barro e o barro não é bom pra escola”. Como era a professora do Tomás? “Era negra e estava de vestido e pano na cabeça” (o pano que elas se referiam era o turbante). Qual era o país do Tomás? “Chade”.

E a história Doce princesa negra, vocês lembram? O que vocês mais gostaram? As respostas eram: “Do mar, das tranças. A princesa tinha coques no cabelo”.

As crianças eram sempre lembradas de que na África os mais velhos costumam contar histórias, suas experiências e o que faziam para os mais novos de forma que elas entendessem a importância da família estar unida e sempre conversando e contando histórias.

Além disso, uma das crianças que sempre desenhava os personagens das histórias mencionadas anteriormente com cabelo liso, em um de seus desenhos livres (que não se relacionava a nenhuma história ou atividade) desenhou letras e um cabelo cacheado marrom. O desenho da criança foi elogiado como sendo muito bonito e, também lhe foi perguntado: “Por que desenhou um cabelo cacheado?” A criança disse: “Porque sim!” O que fica evidente a importância da representatividade negra, pois as crianças passam a internalizar imagens positivas e enxergar as características negras como sendo belas também, de maneira que os estereótipos negativos acerca das populações negras percam força.

Para Rabello (2019, p.62-64):

O desenho é uma representação simbólica. [...] metaforicamente podemos entender que o símbolo é a junção de duas partes e, etimologicamente, entende-se como algo combinado ou mesmo composto. Isso significa dizer que ele somente existe na medida em que se compõe destas duas partes. Sendo assim, não devemos separar o símbolo daquilo que representa. Eles mantêm

entre si uma relação interna. Símbolos são irracionais e quase sempre não são totalmente compreendidos e são representados de maneira espontânea na maioria das vezes. [...] O símbolo é a linguagem dos arquétipos pela qual tanto os mitos e os contos de fadas falam à humanidade. Esta linguagem se apresenta por meio de metáforas e alegorias. Nos desenhos, vamos encontrar símbolos trazidos à tona por quem desenha.

Dessa forma, é perceptível como as imagens positivas de crianças e adultos negros nas histórias acima mencionadas e discutidas com as crianças, foram essenciais para dar protagonismo e ao mesmo tempo, mostrar para todas as crianças da turma (negras e brancas) que pessoas e crianças negras também são inteligentes, responsáveis e belas, dentre outras qualidades.

Para trindade (2005, p.32):

Não é apenas motivo de negligência a discriminação, o preconceito, o racismo com relação às crianças negras. É também uma insensibilidade, que está ancorada nos 312 anos oficiais de escravidão neste país e nos 117 anos de promulgação da Lei Áurea. É impressionante que, por muito tempo, ninguém se preocupou com a importância de colocar, no acervo de brinquedos das crianças da Educação Infantil, bonecas e bonecos negros, livros infantis com imagens e personagens negros em posição de destaque, não ter mural com personagens negros, não serem trabalhadas as lendas, as histórias e a História africanas, entre outras formas de afirmação de existência e de valorização dos negros em nosso país. É, essa insensibilidade está inscrita na nossa memória coletiva de brasileiros e brasileiras, que vendiam crianças negras, que abusavam das crianças negras, que matavam crianças negras, que impediam que as crianças negras fossem amamentadas por suas mães. A história parece que nos legou uma responsabilidade social especial para com essas crianças. Especial, pois temos que ter responsabilidade social para com todas.

Por isso, é fundamental que todas as crianças tenham acesso a bonecas e bonecos negros, livros com personagens negros como protagonistas, além de imagens e fotos diversas de pessoas e crianças negras também nos corredores e murais da escola. E, nos dias festivos, em que há apresentações teatrais, danças e musicais, se faz necessário que tenham crianças negras em destaque, ou seja, elas também devem estar em papéis principais e nas primeiras fileiras das apresentações, pois não podem ficar escondidas e tampouco a eles serem negado o direito de participação.

6.2 Pré-escola II

A turma da pré-escola II é composta por vinte e cinco crianças com cinco e seis anos de idade, também é a última turma da pré-escola e da Educação Infantil, depois, as crianças vão

para o primeiro ano do Ensino Fundamental. A diferença de idade dessas crianças para as do maternal II é de dois anos, portanto, elas já se expressam melhor verbalmente e também já assimilaram muitas práticas e falas preconceituosas presentes na sociedade como será relatado abaixo.

O tempo de atividades com essa turma foi bem menor, devido a pré-escola ficar meio período no EDI, além disso, a turma já estava participando de vários projetos tanto da própria unidade escolar como outros projetos vindos CRE (Coordenadoria Regional de Educação). No entanto, foi possível realizar algumas atividades no horário de planejamento da professora regente, para isso, fez-se o uso de alguns dos livros relacionados acima, tais como: Escola de chuva, Doce princesa negra e Lápis cor de pele. As duas primeiras histórias são fundamentais, pois tratam da cultura de dois países africanos e a última mencionada também é de extrema relevância para as crianças por trazer a discussão (já presentes na turma) dos diferentes tons de pele e, de forma, a realçar a importância do respeito às diferenças.

A primeira história contada às crianças foi Doce princesa Negra, logo na primeira página, dois meninos disseram que a princesa não era bonita (indo contra a afirmação da professora que exaltava a beleza da princesa), pois se parecia com a Mariana¹⁴, uma colega da sala e que tinha o cabelo feio igual ao dessa mesma colega. A menina imediatamente retraiu-se fisicamente tentando se esconder e, em seu rosto, via-se uma profunda tristeza e o sentimento de humilhação, a mesma, em momento algum respondeu aos colegas, apenas não queria estar ali naquele momento. Com essa postura dos meninos, a turma toda riu e constrangeu ainda mais a Mariana que continuava retraída e aos poucos seu rosto ia ganhando aspecto de enfurecido. Após as falas dos meninos, a professora imediatamente disse que eles deviam respeitar a colega e, que ela era linda sim e o cabelo dela também, além de dizer que todos são diferentes e a beleza está nas diferenças, pois, cada criança era de um jeito, tinha um tipo de cabelo, olhos, boca, nariz e cor de pele diferentes, mas que isso só mostrava que ninguém é igual e que todas as crianças são bonitas e precisam de respeito. Além disso, os meninos e a turma foram convidados a pedir desculpas para Mariana. Os meninos relutaram, não queriam se desculpar, mas, após muito diálogo pediram desculpas. Em seguida a fala da professora, a menina sentiu-se mais confortada, porém, ainda muito constrangida. Situações como essa podem acarretar marcas irreversíveis na vida escolar, pessoal e social de Mariana, marcas essas denominadas de estigmas, que de acordo com Silva (2002, p.58), significa que: “através de imagens

¹⁴ Pseudônimo

depreciativas, os estereótipos *dão origem ao estigma* que, imputados no indivíduo negro, dificultam e/ou impossibilitam sua convivência e aceitação na vida social cotidiana.”

Esse tipo de situação não apenas constrange a criança que está sofrendo racismo por parte de seus colegas de turma (não que eles sejam racistas, pois são crianças que estão reproduzindo falas e atitudes racistas presentes no ambiente em que vivem) como também marca a vida dela de maneira muito profunda que trará consequências negativas para a construção da sua identidade. Para Goffman (1963 apud SILVA, 2002, p.59): As “marcas” imputadas a pessoa ou grupo negro na relação social produz no “observador” um “olhar” preconcebido que o impede de perceber a totalidade de atributos desta pessoa ou grupo.

Nesta situação as crianças apenas repetem o que a sociedade manifesta, porém, é totalmente possível que essas mesmas crianças possam perceber o quão inadequadas e desagradáveis foram as falas, os risos e os olhares delas para com a Mariana, para que isso ocorra é necessário que todas as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem estejam comprometidas com uma Educação Antirracista.

A leitura da história seguiu e toda vez que a imagem da princesa aparecia a Mariana que sofreu preconceito pelos colegas, ficava em estado de alerta e inibida aguardando o que seria dito por esses mesmos colegas, pois, mesmo diante da exaltação da beleza da princesa ela ficava apreensiva pelas possíveis atitudes de seus colegas, por isso, as diferentes identidades precisam ser valorizadas e respeitadas para que as crianças consigam gostar do que são sem terem a preocupação em agradar esteticamente o outro, além disso, o respeito sempre estará presente de forma que nenhum tipo de beleza, ou corpo seja menosprezado. Com isso, Santos e Fernandes (2016, p.260) afirmam que:

A identidade remete as concepções do sujeito sobre si, o outro e o grupo. Quem sou eu? Quem é o outro? Quem somos nós? Quem são os outros? Essas questões mostram que a identidade tem componentes individuais e coletivos [...] É na relação de intersubjetividade configurada entre o eu e o outro, que a identidade se forma.

O jeito retraído de Mariana revela o quanto o corpo dela fala, ou melhor, grita por socorro, a partir do momento em que ela não se vê dentro dos padrões de beleza impostos pela sociedade e, que alguns de seus colegas de turma riem dela e a chamam de feia. Segundo Gomes (2002, p.41):

O corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo. Estamos diante de uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo que é natural, o corpo é também simbólico.

Por isso, que a valorização das belezas negras é urgente, pois não deve mais ser negligenciado o sofrimento das crianças negras desde a mais tenra idade, pois é direito de todas as crianças serem respeitadas, no entanto, as crianças negras continuam sofrendo e este sofrimento muitas vezes é ignorado e/ou silenciado e também passa despercebido por muitos professores e educadores que foram educados em uma sociedade racista e que não conseguem ver o quão urgente é a luta por uma educação antirracista.

Os dois meninos que riram e agrediram verbalmente a colega possuíam as seguintes características: um era negro de cabelo crespo e cacheado, o outro tinha a pele parda com cabelo preto e liso descendente de indígenas. A professora regente da turma ao saber do ocorrido, disse que esses meninos tem dificuldade para se verem negros e que sempre riem e maltratam verbalmente a colega e ela sempre conversa com eles, mas, continuam com a mesma postura. Informou ainda que com a turma da manhã (pré-escola I – crianças com 4 e 5 anos de idade) ela tinha conseguido trabalhar melhor as diferenças raciais. Com isso, fica evidente o quanto é importante as atividades voltadas para as relações étnico-raciais desde o primeiro seguimento da educação infantil, o berçário, pois, conforme as crianças crescem, elas vão assimilando cada vez mais as práticas e falas preconceituosas existentes na sociedade que refletem em suas famílias e nos espaços escolares.

Além disso, é importante que as crianças negras se identifiquem como negras e tenham orgulho da sua cor de pele, pois como dito acima, os dois meninos não eram brancos, porém, utilizavam-se de falas preconceituosas e discriminatórias em relação a colega de turma que era negra, falas essas presentes na sociedade e que são interiorizadas pelas crianças desde muito pequenas, pois elas também fazem parte da sociedade racista, mesmo sendo pequenas elas compreendem o que está explícito nas relações sociais e raciais, por isso, torna-se cada vez mais necessário a valorização das pessoas negras e suas culturas. E como afirma Gomes (2002, p.49):

Essa maneira particular de relacionar-se com o corpo, com a subjetividade e à cultura dá-se em um determinado contexto social, histórico e político. E é esse contexto, juntamente com a experiência individual, que vai compor o complexo terreno da identidade negra. Homens e mulheres negras de diversas partes do mundo constroem-na de formas variadas, embora tragam consigo algo que os une: um pertencimento racial, oriundo de uma mesma ancestralidade africana, cuja maneira de lidar com o cabelo é uma forte expressão da cultura. [...] O racismo, sendo um código ideológico que toma atributos biológicos como valores e significados sociais, impõe ao negro uma série de conotações negativas que o afetam social e subjetivamente. No entanto, no movimento dialético das relações sociais, a ação do racismo sobre os negros resulta em formas variadas, sutis e explícitas de reação e resistência. Nesse contexto, o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política. Esse é

mais um dos motivos pelos quais consideramos que a escola deve superar os preconceitos em relação à estética negra.

Exemplo dessa assimilação pelas crianças, é o fato da turma fazer uso do termo “pão careca”, sendo esse utilizado para fazer referência de forma pejorativa ao cabelo crespo e, no momentos de conflitos, as crianças passaram a usá-lo para ferir verbalmente os colegas, pois já sabiam do seu efeito negativo e que nenhuma criança gostava de assim ser chamada, ou seja, no início referiam-se apenas às crianças de cabelos crespos e, esse termo era tão repugnante e as crianças sentiam-se humilhadas por ele, que a turma passou a fazer uso em todos os momentos de atrito para ofender uns aos outros. Portanto, é essencial a desmistificação de todos as representações sociais negativas acerca da população negra, seja por meio de uma palavra, de um conceito ou de ações, pois como afirma Gomes (2002, p.41):

As diferentes crenças e sentimentos, que constituem o fundamento da vida social, são aplicadas ao corpo. Temos, então, no corpo, a junção e a sobreposição do mundo das representações ao da natureza e da materialidade. [...] É a cultura que, à sua maneira, inibirá ou exaltará esses impulsos, selecionando dentre todos quais serão os inibidos, quais serão os exaltados e ainda quais serão os considerados sem importância e, portanto, tenderão a permanecer desconhecidos.

Mariana, a menina que os meninos implicavam é alta, magra, tem a pele negra e seu cabelo é crespo. Quando ela ia para o EDI com o cabelo solto e natural, as crianças riam dela e ela sempre ficava mais calada e triste. Algumas educadoras comentavam: “Não gosto quando ela vem com o cabelo assim!” Mesmo que a menina não ouvisse esses comentários a seu respeito, ela podia perceber e sentir essa fala nos olhares. Mariana só sentia-se bonita e ficava muito feliz e animada quando ia de tranças ou quando estava com o cabelo relaxado quimicamente.

Sobre vivências como essas, Gomes (2002, p.44) diz que:

As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola.

Gomes (2002, p.45) afirma também que:

Na escola também se encontra a exigência de “arrumar o cabelo”, o que não é novidade para a família negra. Mas essa exigência, muitas vezes, chega até essa família com um sentido muito diferente daquele atribuído pelas mães ao cuidarem dos seus filhos e filhas. Em alguns momentos, o cuidado dessas mães não consegue evitar que, mesmo apresentando-se bem penteada e

arrumada, a criança negra deixe de ser alvo das piadas e apelidos pejorativos no ambiente escolar. Alguns se referem ao cabelo como: “ninho de guacho”, “cabelo de bombril”, “nega do cabelo duro”, “cabelo de picumã!” Apelidos que expressam que o tipo de cabelo do negro é visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à artificialidade (esponja de bombril) ou com elementos da natureza (ninho de passarinhos, teia de aranha enegrecida pela fuligem).

Dessa forma, é fundamental que o respeito às diferenças não parta apenas das crianças, mas dos adultos também. A criança pequena percebe no jeito, no olhar e não somente pela fala o que os adultos querem dizer, pois ela é capaz de pensar e relacionar as ações e falas. Portanto, todos os educadores precisam ter uma postura de respeito e aceitação às diferenças, pois estas existem e precisam ser enaltecidas de forma positiva e não como uma forma de classificar e rotular negativamente. De acordo com BRASIL (2004, p.17) os professores precisam ser: “sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas.” Logo, professores e educadores não podem ter posturas, falas preconceituosas e discriminatórias e, tampouco comparatórias, isto porque, as crianças não são iguais e estas práticas não podem ser reproduzidas.

As crianças iriam expressar artisticamente o que mais lhes chamou atenção na história, no entanto, devido a falta de tempo, houve apenas a contação e discussão acerca da história. Discussão essa que foi muito importante para perceber como as crianças enxergavam umas às outras, como já foi relatado acima.

Durante todas as contações de história, a turma era estimulada a falar sobre os personagens e descrevê-los, pois, a intenção era que as crianças notassem que todos eram negros e que tinham família, também frequentavam a escola, que eram importantes e conhecer um pouco de algumas culturas africanas.

Em um outro momento, a turma teve acesso a leitura de Escola de Chuva, que trouxe outros personagens, também negros, para exaltar a beleza e as culturas negras e africanas. As crianças gostaram da história e ao ilustrarem-na focaram nos personagens principais: Tomás e na professora. Porém, muitas crianças os desenharam de cabelos lisos, a maioria da turma só desenhou o Tomás com giz preto, pois havia sempre uma intervenção como: “Qual é a mesma a cor da pele do Tomás? Qual cor representa melhor a cor da pele do Tomás?” Muitas crianças, procuraram pelo giz preto após serem alertadas para terem atenção a cor da pele do personagem, no entanto, eram livres para usarem a cor que quisessem. Algumas fizeram a silhueta do corpo dos personagens com giz preto ou marrom, mas pintaram seus rostos de rosa bem claro, poucas

crianças desenharam os personagens com rosa bem claro e uma criança desenhou com giz amarelo e cabelo liso. Isso porque as crianças internalizaram que para representar a cor da pele, usa-se o giz rosa bem claro.

Após a leitura da história: Lápis cor de pele, foi proposto que as crianças se desenharem e tivessem atenção para a cor da sua pele, seus fenótipos e tipo de cabelo, por exemplo. Que elas tentassem fazer um desenho bem próximo do que elas são fisicamente. A maioria da turma teve dificuldade ou disse não saber com que cor de lápis ou giz deveria se desenhar. Foi solicitado que se olhassem no espelho que tinha na sala para tentar fazer o seu próprio desenho.

Paralelo a essa dificuldade das crianças em se desenharem, foi que elas começaram a se observar mais e atentar-se aos próprios detalhes de seus corpos, rostos e formas. Essa atividade foi conduzida de maneira crítica e com o intuito das crianças se verem como de fato são e a partir disso, perceberem que ninguém é igual e que a beleza está nas diferenças.

Outras atividades foram realizadas, como: confecção de bandeiras do Chade e da Nigéria e leitura de imagens sobre as culturas destes países. A turma também teve acesso a outros livros sobre a temática racial e estava animada para o desfile que seria a culminância do projeto.

Em suma, para que as crianças pudessem perceber a cor da pele dos personagens e que interiorizassem imagens positivas dos mesmos e percebessem como estes eram importantes, foram feitas rodas de conversas constantes e muitas vezes com perguntas buscando trazer maior participação delas, pois a fala das crianças é fundamental para se compreender como elas assimilavam as histórias apresentadas, assim como elas compreendem as relações raciais nos espaços sociais que as cercam. Permitindo dessa forma que as crianças fossem as protagonistas e que aos poucos fossem desenvolvendo uma visão crítica acerca do padrão de beleza imposto na sociedade, pois elas estariam percebendo e vivenciando as diferenças.

Dessa forma, as crianças de ambas as turmas tiveram acesso a diversos livros com a temática racial em que os personagens em destaques eram negros. Ademais, o projeto Pedacinhos de África teve três livros fundamentais (Escola de Chuva, Doce Princesa Negra e Chuva de Manga) que foram escolhidos por mostrar um pouco das culturas de dois países africanos que são muito diferentes entre si e contribuir para a desmistificação de que o continente Africano é homogêneo. Além de permitir às crianças o contato com diferentes culturas e hábitos.

6.3 Culminância do Projeto “Pedacinhos de África”

O tão esperado dia do desfile que se encerraria com uma festa para as crianças, movimentou toda a escola e profissionais, pois todas as crianças participaram assistindo e, as educadoras das turmas de maternal I, também enfeitaram as crianças com fitas, maquiagem e outros adereços que também foram utilizados nas crianças que participaram do desfile. Todo um ambiente foi preparado para que as crianças se sentissem importantes ao desfilar: tinha tapete vermelho, plateia (todas as crianças incluindo os bebês, profissionais e demais convidados), flores, mesa com bolo e doces, bandeiras do Chade e Nigéria, cartazes com as atividades das crianças com base na literatura com a temática racial, fotos de princesas e rainhas africanas expostas na parede e um espaço com livros voltados para as culturas negras brasileiras e africanas.

As crianças do Maternal II e da Pré-escola II desfilaram com faixas e bandeiras dos países africanos: Chade e Nigéria. Os meninos usavam kufi (um tipo de chapéu africano) e as meninas tiveram seus cabelos enfeitados com fitas coloridas, tranças e penteados variados. Para abrir o desfile foi pensado na Mariana que os meninos riam e faziam comentários ofensivos. A proposta era que ela abrisse o desfile como uma rainha, tendo várias tranças no cabelo e também uma coroa, no entanto, a menina não aceitou e desfilou apenas com a faixa do país e entrou correndo para não ficar muito tempo desfilando. Foi notório a timidez dela, ao mesmo tempo, perceber que ela não se achava bonita o suficiente para entrar maquiada e com os outros adornos lhes oferecidos.

Era explícita a felicidade das crianças, pois sentiram-se importantes e lindas, uma das meninas entrou com a Shaira (boneca de pano), a Mariana desfilou em passos muito rápidos e cobriu o rosto com a bandeira que segurava. É obvio que cada criança que seja tímida ou insegura reage de uma forma, mas a Mariana era muito insegura e ainda tinha baixo autoestima e não sentiu-se confortável em desfilar e não quis enfeitar-se, as demais crianças com timidez tiveram outra atitude, pois, elas sentiam-se muito importantes e venceram naquele momento, a barreira da insegurança e da timidez, porém, é importante relatar que nenhuma das outras crianças tímidas e/ou inseguras eram motivo de piada para os demais colegas como era o caso de Mariana.

Enquanto as crianças eram arrumadas, com maquiagem, brilhos, fitas e penteados, principalmente os da princesa da história, via-se como elas ficaram muito felizes por serem as protagonistas e as crianças mais tímidas estavam muito animadas, inclusive uma menina da

turma do maternal II que era muito tímida e não para de se olhar no espelho e de sorrir, ela tinha o cabelo crespo e bem curto, por isso, foram feitos vários coques como o da princesa da história Doce Princesa Negra, e com isso, a menina estava deslumbrada, pois conseguiu se ver representada nas imagens da história e estava feliz com a imagem que via no espelho. As educadoras ficaram muito felizes com a animação dela, pois ela era sempre muito séria.

As crianças desfilaram ao som de Kumbaya em suas várias versões, por a música significar força, encorajamento e esperança. Depois teve um momento de lanche com bolo, sanduíche e refrigerante.

Após o desfile das crianças, todos que ali estavam presentes, foram surpreendidos com a apresentação de uma bailarina, que a todos encantou desde a sua vestimenta ao espetáculo. A bailarina convidada era filha de uma das educadoras, tinha a pele parda, cabelos cacheados e usava uma roupa azul claro. A ideia era mostrar para as crianças que elas podem ser o que quiserem e, principalmente, trazer representatividade negra para todas elas, de forma que pudessem perceber que existe outro tipo de beleza, além da branca e, mostrando que nem toda bailarina é branca e usa roupa rosa. A apresentação da bailarina trouxe brilho nos olhos das meninas, dos meninos e dos profissionais que ali estavam presentes. Esse espetáculo contribuiu com muita emoção, admiração para todo o evento que já estava lindo e permitiu às crianças

Essa culminância teve por objetivos mostrar um pouco de duas culturas africanas e também aumentar a autoestima das crianças principalmente das crianças negras, pois como afirma Gomes (2002, p.46):

São nesses espaços que as oportunidades de comparação, a presença de outros padrões estéticos, estilos de vida e práticas culturais ganham destaque no cotidiano da criança e do/a adolescente negros, muitas vezes de maneira contrária àquela aprendida na família. Em alguns casos, é o cuidado da mãe, a maneira como a criança é vista no meio familiar, que lhe possibilitam a construção de uma auto-representação positiva sobre o ser negro/a e a elaboração de alternativas particulares para lidar com o cabelo crespo. Diante disso, podemos inferir que saber lidar, manusear e tratar do cabelo crespo está intimamente associado a estratégias individuais de construção da identidade negra.

A família ajuda muito na construção positiva da identidade negra e no entanto, esta família está dentro de uma sociedade em que o negro ainda é visto de forma inferior. Assim como a família, a escola deve atuar contra o racismo e valorizar as diferentes identidades e

seguir na luta em defesa de uma educação antirracista que possibilite às crianças negras o conhecimento de suas histórias e a terem orgulho de quem são.

6.4 Entrevistas com os professores e demais educadores

Anterior ao Projeto “Pedacinhos de África” algumas professoras, agentes, a diretora e auxiliar de serviços gerais responderam ao questionário acerca da questão racial na Educação Infantil. Quase metade desses profissionais acredita não existir preconceito racial na Educação Infantil, por nunca terem presenciado ou por se tratar de crianças muito pequenas:

“Não. As crianças ainda não fazem essa discriminação” L, 51 anos.

Um pouco mais da metade, não muito, apenas dois profissionais, afirmam que existe sim preconceito racial na Educação Infantil e alguns destes profissionais justificaram que é devido cada criança receber um tipo de educação:

“Infelizmente ainda existe, embora na atualidade já se pense e realize diversas ações que visam uma prática educacional para a igualdade” B, 53 anos.

A partir das falas das professoras e das educadoras, fica explícito que nenhuma delas atribui a si ou ao corpo docente a responsabilidade no que diz respeito às práticas racistas, como se estas práticas só pudessem surgir a partir das crianças. No entanto, o silenciamento destas práticas só confirmam o quão racistas são as práticas pedagógicas na Educação Infantil. Para Cavalleiro (2000, p.10): “[...] minha experiência mostrou que o silêncio do professor facilita novas ocorrências, reforçando inadvertidamente a legitimidade de procedimentos preconceituosos e discriminatórios no espaço escolar e, com base neste, para outros âmbitos sociais.”

Com a culminância do Projeto, algumas professoras e a diretora responderam ao questionário que além de perguntar sobre o projeto Pedacinhos de África, questionava também as relações raciais e as práticas docentes na Educação Infantil.

As respostas foram todas positivas a respeito da relevância desse projeto e também sobre realizar atividades que contemplem a temática. Uma das professoras para responder o questionário consultou o Google. Sobre a importância do projeto:

“Muito importante para que as crianças possam conhecer outras culturas” S, 32 anos.

“É de suma importância, possibilita que as crianças negras se vejam representadas e valorizadas nas diversas formas artísticas e culturais” B, 53 anos.

“Conscientizar as crianças de outras culturas, costumes. Mostrar o que é diferente” D, 33 anos.

Muitas vezes o racismo é negado nas práticas escolares, como se todas as crianças fossem tratadas com os mesmos direitos e como se todas usufríssem dos mesmos privilégios, além disso, muitos professores e educadores negam as diferenças raciais, principalmente na Educação Infantil alegando que as crianças são pequenas demais e não reproduzem nenhuma fala e/ou atitude que possam caracterizar preconceito, discriminação racial ou racismo. Mas, será que são as crianças as mantenedoras do racismo no espaço escolar?

Henriques (2003, p.13):

O silêncio oculta o racismo brasileiro. Silêncio institucional e silêncio individual. Silêncio público e silêncio privado. Silêncio a que nos habituamos, convencidos, por vezes, da pretensa cordialidade nacional ou do elegante mito da “democracia racial”. Mito que sobrevive como representação idealizada de nossa sociedade, sinalizando com a construção de uma sociedade tolerante e inclusiva. Mito que exercita, no cotidiano, o engano e a mentira escondendo, de forma perversa e sutil, a enorme desigualdade racial do país. Infelizmente, o poder de ocultamento desse mito enraizou-se em nosso senso comum e, desavisados, negamos a desigualdade e o racismo.

A negação da existência de práticas racistas nos espaços de Educação Infantil, nada mais é que silenciar o racismo. E diante desse silêncio, torna-se cada vez mais difícil falar sobre a temática de forma crítica e mais ainda ter atividades que desmistificam as inverdades acerca das populações negras brasileiras e africanas. Paralelo a isso, a construção de identidades negras positivas vai perdendo espaço.

Para Hall (2003, p.338):

Devemos indagar sobre esse silêncio contínuo no terreno movediço do pós-modernismo e questionar se as formas de autorização do olhar a que esta proliferação da diferença convida e permite, ao mesmo tempo em que rejeita, não seriam, realmente [...] um tipo de diferença que não faz diferença alguma.

É necessário que os profissionais de educação estejam atentos a isto, pois a escola não está fora da sociedade, logo, reproduz e reforça os ideais enraizados nela que discriminam e inferiorizam o negro e sua cultura.

É fundamental que todos os profissionais dos espaços de Educação Infantil possam compreender as estruturas racistas da sociedade brasileira para melhor entender como estas se manifestam no cotidiano escolar e, também se posicionarem contra qualquer forma de racismo presente nestes espaços.

No que diz respeito a unidade escolar em questão, é importante que todos estejam alinhados numa prática antirracista, mas, para isso, tem-se primeiro que ter conhecimento mínimo sobre o racismo e como este implica diretamente na educação. Para isso acontecer, é preciso que os professores e educadores enxerguem em suas práticas pedagógicas diárias, o quão racistas são, pois, é obrigação de todo o corpo docente repudiar o racismo existente na escola. Além disso, é dever de todos os profissionais da Educação conhecer e colocar em prática as Leis 10.639/03 e 11.645/08, além de respeitar as diferenças e promover um ambiente escolar livre de práticas racistas.

Para Cavalleiro (2000, p.13):

Escola e família, juntas, representam a possibilidade da transformação do pensamento sobre a realidade social construída sob “ideologias”, como o “mito da democracia racial”. Somente uma discussão profunda dos problemas relacionados ao preconceito e à discriminação podem concorrer para a transformação da sociedade.

Para combater a negação do outro é preciso que a criança aprenda a conviver com as diferenças, de forma que o outro não precise excluir a sua identidade para viver a do grupo dominante, além de que, o novo sempre existirá e através dele há o desenvolvimento de cada sujeito. Ademais, eliminar as ideias estereotipadas para que o outro seja aceito evitando preconceitos e racismo e tirar da mente da criança que a pele negra é sinônimo de coisas ruins. No entanto, para isso ocorrer, faz-se necessário que os professores e demais educadores tenham práticas antirracistas, pois se a escola reproduz o racismo existente na sociedade, como a criança não o fará?

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os educadores infantis e os professores devem desmistificar que as questões biológicas do negro são inferiores às do branco, sem utilizar a biologia para justificar a discriminação ao negro. Mostrar as diversas culturas negras e africanas e discuti-las sem apenas focar no processo de escravização.

O professor como indivíduo, está sujeito a absorver os preconceitos sociais, mas como profissional da educação precisa estar atento e consciente do seu papel de agente transformador. A escola deve valorizar o negro e sua cultura, pois ela é o ponto de encontro e de embate das diferenças étnicas e raciais, podendo ser instrumento eficaz para diminuir e prevenir o processo de exclusão social e incorporação do preconceito para com as crianças negras.

Para tanto, ela pode utilizar a literatura para desconstruir as imagens negativas obtidas para com o negro. Além do mais, há muitos livros que ilustram histórias e saberes das culturas negras e africanas que desmistificam muitas inverdades sobre o negro, sua religião e sua cultura.

As instituições de ensino formal e não formal devem estar atentas a uma proposta curricular que trate a questão racial a partir da história do negro, sua participação na construção do país, a forma como era visto e como o é nos dias de hoje, além de informar historicamente como o racismo se apresenta na sociedade brasileira, de maneira, que os danos por ele causado sejam explicitados. A desconstrução de como o racismo impera na sociedade, trará visivelmente as relações de poder e como estas manipulam o pensamento da maior parte da população para legitimar esse poder e manter boa parte da população negra refém. A esse respeito Silva (2007, p.85) afirma que:

Tornou-se lugar-comum destacar a diversidade das formas culturais do mundo contemporâneo. É um fato paradoxal, entretanto, que essa suposta diversidade conviva com fenômenos igualmente surpreendentes de homogeneização cultural. [...] não se pode separar questões culturais de poder.

Por isso, faz-se necessário uma Educação Antirracista que tenha como objetivo valorizar as diferentes identidades, principalmente, das crianças negras, para assim, construir identidades negras positivas e contribuir para a autoestima destas. Para que isso ocorra é preciso entender que a representação positiva das culturas negras é essencial para o combate ao racismo, além

de, compreender que identidade não é algo pré-estabelecido, ela está relacionada com a história e suas representações.

A construção da identidade da criança na Educação Infantil é de extrema importância, sobretudo, da criança negra que muitas vezes é vista como inferior. No entanto, esta questão vai muito além, pois é preciso também a preservação da identidade da mesma, de forma a promover sua autoestima. Além disso, o respeito às diferenças é cada vez mais urgente.

Nas duas turmas mencionadas neste trabalho, a maioria das crianças é negra e, mesmo assim, ainda há diversidade cultural e racial e continuaria a existir essa diversidade se todas as crianças tivessem a mesma cor de pele. Isto porque, as crianças não pertencem a uma mesma família, logo, não tem os mesmos hábitos, costumes e valores. Portanto, é essencial que elas conheçam, opinem e pensem sobre as diferentes culturas para aprender a respeitar e entender o Outro.

Os profissionais da Educação Infantil devem estar atentos a estas questões, pois, como afirma Cavalleiro (2001, p.162) é necessário dentre outras atitudes:

[...] compreender os alunos como indivíduos pertencentes a culturas coletivas. Sendo assim, um aluno não é igual ao outro, nem mesmo entre os aparentemente iguais, ou seja, mulheres, índios, negros... A diferença e, sobretudo a compreensão e o respeito à diferença, é a primeira postura que se deve ter como educador.

As crianças não são iguais, porém, todas merecem respeito por igual. Logo, para cultivar o respeito às diferentes etnias e a valorização principalmente das etnias negras, é fundamental o conhecimento das mesmas. E, por meio de histórias, contos e lendas as crianças conhecem melhor a sua cultura e as culturas dos seus colegas e aprendem a aceitar o Outro e compreender seu modo de pensar e agir.

Portanto, é desde a Educação Infantil que a criança começa a desenvolver sua identidade além de conhecer mundos diferentes e, é por isso, que todos os professores precisam ter cuidado ao tratar uma criança, zelo ao se dirigir a ela e mais do que nunca, compreender que a criança não é um ser vazio que precisa do adulto pra tudo, pois ela tem pensamentos e sentimentos, dos quais, o adulto não tem controle.

A partir das elucidações deste trabalho, torna-se cada vez mais essencial, que todo o corpo docente leve em consideração que o Outro exerce papel fundamental na construção da

identidade do eu, logo, se as crianças negras não tem um referencial negro positivo elas tendem a não se aceitarem como tal desde a mais tenra idade. Por isso, é muito importante que se tenha projetos contínuos acerca das culturas negras brasileiras e africanas, para assim, promover representatividade e autoestima positiva para as crianças negras e a valorização dessas culturas também por parte das crianças brancas, para que dessa forma, as crianças negras possam construir sua identidade de forma positiva.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRANDÃO, Ana Paula; SANTOS, Katia. Glossário. **Saberes e fazeres: caderno de metodologia**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015. p. 219-228

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal nº 8069 de 13/07/1990**. Rio de Janeiro: Universidade Popular da Baixada, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e base da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>

BRASIL. **Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2006. Volumes I e II. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 10/10/2020

BRITO, Daniela de. **Lápis cor de pele**. São Paulo: Cortez, 2017.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane (Org). Educação Anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. **Racismo e anti-racismo na educação. Repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001. p. 140-178.

CIANNI, Solange. **Doce princesa negra**. Brasília: LGE, 2006.

DORNELLES, Leni Vieira. “Tu não podes ser princesa”: corpos, brinquedos e subjetividades. In: BRANDÃO, Ana Paula; SANTOS, Katia (Org.). **Saberes e fazeres: caderno de metodologia**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015. p.155-159.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n.21, p. 40-51, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico-raciais e a lei nº 10.639/03: breves reflexões. In: BRANDÃO, Ana Paula; SANTOS, Katia (Org.). **Saberes e fazeres: caderno de textos**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2015. p.80-86.

GRUBITS, Sonia. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, num. esp., p.97-105, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 24 jul. 2020.

HALL, Stuart. **As diásporas: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HENRIQUES, Ricardo. Silêncio – o canto da desigualdade racial. In: SOCIAIS, Ashoka Empreendedores; Cidadania, Takano (Org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003. p. 13-17.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Identidade étnica em re-construção**. Belo Horizonte: O Lutador editora, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

OLIVEIRA, Fabiana de. Relações Raciais na Creche. **Revista Negro e Educação** 3, São Paulo, v. 3, p. 29-39, 2006.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PANIZZOLO, Claudia; TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. Brincando com bebês: proposições e desafios. In: PEDRO, Waldir (Org.). **Guia prático de neuroeducação**:

neuropsicopedagogia, neuropsicologia e neurociência. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017. p.293-308.

RABELLO, Nancy. **O desenho infantil: entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores.** 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

RUMFORD, James. **Chuva de Manga.** São Paulo: Brinque-Book, 2005.

RUMFORD, James. **Escola de chuva.** São Paulo: Brinque-Book, 2014.

SANTOS, Alessandra de Oliveira dos; FERNANDES, Saulo Lurdes. A psicologia na compreensão da identidade étnico-racial do negro no Brasil. In: OLIVEIRA, Iolanda e PESSANHA, Márcia de Jesus. **Educação e Relações Raciais.** Rio de Janeiro, 2016. p. 259-275.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade; uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Vera Lúcia Neri da. **Os Estereótipos Racistas nas Falas de Educadoras Infantis: Suas Implicações no Cotidiano Educacional da Criança Negra.** 2002. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Escola de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. **Valores afro-brasileiros na educação,** Rio de Janeiro, boletim 22 novembro 2005. Disponível em:

<<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Valores%20civilizat%C3%B3rios%20afrobrasileiros%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20-%20Azoilda%20Trindade.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2020.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS**QUESTIONÁRIO SOBRE A PROBLEMÁTICA RACIAL**

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua formação?
3. Há quanto tempo trabalha com Educação?
4. Você sempre trabalhou dando aula para Educação Infantil?
5. Você acha que existe preconceito racial nas escolas de Educação Infantil? Por quê?
6. O que você entende por preconceito racial?
7. Na sua escola há ou já houve algum trabalho tendo como tema a questão racial?
8. Na sua formação você aprendeu como trabalhar a questão racial na sala de aula?
9. Você já sofreu algum tipo de preconceito?
10. Você já vivenciou alguma situação de preconceito racial? Qual? E onde?
11. No âmbito da escola, como você encara as expressões de preconceito?
12. Você possui dificuldade para trabalhar a questão racial na sala de aula?

APÊNDICE B - PROJETO: “PEDACINHOS DE ÁFRICA”

Turmas: Maternal II e Pré-escola II

Objetivos Gerais:

- Construir imagens e subjetividades negras a partir da literatura;
- Promover o respeito pelas diferenças.

Objetivos específicos:

- Identificar-se nas histórias infantis;
- Conviver em harmonia com o outro e suas especificidades.

Procedimentos e Estratégias:

- 1) Exibição de imagens negras positivas que retratem as culturas negras brasileiras e principalmente as culturas africanas.;
- 2) Contação de histórias, dramatização, desenhos livres das histórias, tendo como foco os livros: lápis cor de pele, Doce Princesa Negra, Chuva de Manga e Escola de Chuva;
- 3) Rodas de conversa sobre as histórias contadas;
- 4) Confeção de bandeiras dos dois países africanos que fazem parte das histórias citadas: Chade e Nigéria;
- 5) Confeção de kufi (tipo de chapéu africano), faixas e de uma escola com argila.

Culminância: Desfile das crianças com lanche coletivo e exposição das atividades das crianças.

Recursos Didáticos:

Livros infantis com personagens negros, papel ofício, cartolina, tinta, pincel, giz de cera, hidrocor, argila, tecidos e barbante.

Referências:

BRITO, Daniela de. **Lápis cor de pele**. São Paulo: Cortez, 2017.

CIANNI, Solange. **Doce princesa negra**. Brasília: LGE, 2006.

RUMFORD, James. **Chuva de Manga**. São Paulo: Brinque-Book, 2005.

RUMFORD, James. **Escola de chuva**. São Paulo: Brinque-Book, 2014